

ENCRUZILHADAS DO CAMINHO NO RASTRO DO SAGRADO: A TEOLOGIA PRÁTICA COMO HERMENÊUTICA DA RELIGIÃO VIVENCIADA¹

R. Ruard Ganzevoort²

Resumo: A diversidade dentro da disciplina da Teologia Prática é tão grande que ela pode acomodar muitos contextos e desafios diferentes. Porém, o risco é que ela perca a sua coerência. Valendo-se de um leque de introduções recentes à Teologia Prática e de discussões continuadas na Academia Internacional de Teologia Prática, este artigo tenta descrever tanto o território comum como os principais pontos decisivos (ou as encruzilhadas no caminho) sobre os quais teólogos/as prático/as divergem. O território comum é descrito como “a hermenêutica da religião vivenciada”, que marca a distinção entre as ciências sociais da religião, por um lado, e outras disciplinas teológicas, por outro lado. As encruzilhadas no caminho consideram a definição da abrangência do objeto, como práxis e teoria teológica estão relacionadas, como o/a pesquisador/a se posiciona vis à vis o objeto e como se entende o público primário. Essa estrutura ajuda a esclarecer as complexidades do campo e a se posicionar naquele campo.

Palavras-chave: Teologia Prática. Metodologia. Religião vivenciada.

Forks in the Road when Tracing the Sacred: Practical Theology as Hermeneutics of Lived Religion

Abstract: The diversity within the discipline of Practical Theology is so large that it can accommodate many different contexts and challenges. The risk is, however, that it loses its coherence. Drawing on a range of recent introductions to Practical Theology and on ongoing discussions in the International Academy of Practical Theology, this paper tries to describe both the common ground and the major decision points (or forks in the road) where practical theologians diverge. The common ground is described as “hermeneutics of lived religion”, which marks the distinction from social sciences of religion on the one hand and other theological disciplines on the other. The forks in the road regard how broad the object is defined, how praxis and theological theory are related, how the researcher is positioned vis à vis the object, and how the primary audience is understood. This framework helps to clarify the complexities of the field and to position oneself in that field.

Keywords: Practical theology. Methodology. Lived religion.

¹ O artigo foi recebido em 13 de agosto de 2009 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer datado de 29 de setembro de 2009. Tradução de Paul Tornquist.

² R. Ruard Ganzevoort é professor de Teologia Prática na Universidade Livre de Amsterdã (*VU University*), em Amsterdã, Países Baixos. Ele é membro do conselho da Academia Internacional de Teologia Prática (*International Academy of Practical Theology*, <www.ia-pt.org>) desde 2003 e apresentou este texto como seu pronunciamento presidencial para a nona conferência, em Chicago 2009. Maiores detalhes de publicação podem ser obtidos em <www.ruardganzevoort.nl>. rr.ganzevoort@th.vu.nl

Dedicar-me ao que chamamos de Teologia Prática foi uma escolha muito mais fácil para mim, e também muito mais óbvia, do que compreender o que esta “coisa” – a Teologia Prática – de fato vinha a ser. Lembro nitidamente da confusão que senti quando comecei a me deparar com as inúmeras definições, abordagens, temas, motivos e objetos de estudo que se abrigavam sob o grande guarda-chuva da Teologia Prática. O que eu esperava ser algo essencialmente prático acabou mostrando-se uma rede altamente complexa formada por redes de significados e teorias, ações e práticas, relacionamentos e diálogos.

Essa lembrança me ajuda a compreender os alunos que procuram trabalhar sua perplexidade ao entrar no vasto campo da Teologia Prática. Se é que de fato procuram fazer isso, bem entendido. Um número considerável de alunos, de profissionais atuando na área e mesmo de estudiosos no campo acadêmico pouco se importa com essa confusa miscelânea da qual aprendi a gostar. Eles já encontraram seu caminho pela floresta, muitas vezes iniciado por seus próprios professores. Seguem as trilhas que conhecem tão bem e consideram essa a única forma legítima de se fazer Teologia Prática. Mais do que inspirados pelas múltiplas possibilidades existentes, reagem perplexos ou irritados ao perceberem que outras pessoas atuando na Teologia Prática usam o mesmo termo para designar algo totalmente diferente. Às vezes, devo confessar, sou um deles. Tenho minhas próprias preferências e, por vezes, acho um tanto irritante que nem todos concordem comigo. Não apenas por minha causa, mas também para o bem da disciplina, que parece não ter um objeto, um método e um objetivo em comum e corre o risco, portanto, de sequer ser uma disciplina. Não seria melhor se pudéssemos encontrar conceitos em comum, um consenso metodológico, teorias-padrão com as quais trabalhar? Além disso, logicamente, não seria melhor se vocês todos adotassem o caminho que eu mesmo prefiro?

Quando estou nos meus melhores dias, no entanto, não apenas compreendo a realidade confusa de nosso campo, mas reconheço sua inevitabilidade e até mesmo valorizo sua riqueza. Minha intenção é que este seja um dos meus melhores dias, e sendo assim, não tentarei defender uma abordagem específica para a Teologia Prática. Quero, ao contrário, sugerir que existem características comuns que marcam a identidade do campo de estudo, mas que também há parâmetros a partir dos quais todos fazemos diferentes opções. Juntos, esses parâmetros definem as muitas formas que a Teologia Prática assume, e pode ser proveitoso identificar alguns desses parâmetros. Buscarei subsídios para tal nas inúmeras contribuições apresentadas nesta e em outras conferências, bem como em duas dúzias de textos introdutórios ou livros-texto sobre Teologia Prática publicados recentemente.³ As

³ Os textos introdutórios ou livros-texto incluem: ANDERSON, R. S. **The Shape of Practical Theology**. Empowering Ministry with Theological Praxis. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2001; ANDREWS, D. P. **Practical Theology for Black Churches**. Bridging Black Theology and African American Folk Religion. Louisville: Westminster John Knox, 2002; BALLARD, P.; PRITCHARD, J. **Practical Theology in Action**. Christian Thinking in the Service of Church and Society. 2. ed. London: SPCK, 2006;

questões tratadas nesta apresentação foram desenvolvidas de forma indutiva a partir de minha análise de todo esse material.

Contextos em transformação

Tenho feito esse exercício não apenas em nossa Academia Internacional, mas também na minha universidade. Tomando a universidade como estudo de caso, vocês poderão compreender melhor aonde quero chegar. Apesar de sua forte tradição Reformada, a *VU University* tornou-se possivelmente uma das mais diversificadas universidades em termos culturais e religiosos. Até alguns anos atrás, éramos um dos principais centros de formação de ministros da Igreja Reformada histórica. Quando isso acabou – principalmente porque a igreja se viu forçada a reduzir seu número de centros de formação como reflexo de um declínio na procura por ministros e uma menor oferta de alunos –, nossa faculdade passou a ser cada vez mais interdenominacional, pós-denominacional e não-denominacional. Agora oferecemos formação em teologia e estudos religiosos, e vários seminários estão integrados à nossa faculdade, incluindo o seminário de uma das mais ortodoxas igrejas protestantes; outro seminário para os menonitas holandeses – de tradição mais liberal; um terceiro para batistas e pentecostais evangélicas, além de um seminário que forma capelães hospitalares muçulmanos. Outros ainda estão por vir, incluindo

BASS, D. C.; DYKSTRA, C. **For Life Abundant**. Practical Theology, Theological Education, and Christian Ministry. Grand Rapids: Eerdmans, 2008; BEAUDOIN, T. **Witness to Dispossession**. The Vocation of a Post-modern Theologian. Maryknoll, NY: Orbis, 2008; DINTER, A. et al. **Einführung in die Empirische Theologie**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2007; FLORISTÁN, C. **Teología Práctica**. Salamanca: Sígueme, 2002; FORRESTER, D. B. **Truthful action**. Explorations in Practical Theology. Edinburgh: T & T Clark, 2000; FORRESTER, D. B. **Theological fragments**. Explorations in unsystematic theology. London: T & T Clark, 2005; GRAHAM, E. **Words Made Flesh**. Writings in Pastoral and Practical Theology. London: SCM Press, 2009; HASTINGS, T. J. **Practical Theology and the One Body of Christ**. Grand Rapids: Eerdmans, 2007; IMMINK, F. G. **Faith. A Practical Theological Reconstruction**. Grand Rapids: Eerdmans, 2005; METTE, N. **Einführung in die katholische Praktische Theologie**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2005; MOESSNER, J. S. **Prelude to Practical Theology**. Nashville: Abingdon, 2008; MÖLLER, C. **Einführung in die Praktische Theologie**. Tübingen: A. Franke, 2004; OSMER, R. R. **Practical Theology**. An Introduction. Grand Rapids: Eerdmans, 2008; PARMENTIER, E. (Ed.). **La Théologie Pratique**. Analyses et Perspectives. Strasbourg: Presses Universitaires, 2008; PATTISON, S. **The Challenge of Practical Theology: Selected Essays**. London: Jessica Kingsley, 2007; READER, J. **Reconstructing Practical Theology**. The Impact of Globalization. Aldershot: Ashgate, 2008; de RUIJTER, K. **Meewerken met God**. Ontwerp van een gereformeerde praktische theologie. Kampen: Kok, 2005; SMITH, R. L. **From Strength to Strength**. Shaping a Black Practical Theology for the 21st Century. New York: Peter Lang, 2007; SWINTON, J.; MOWAT, H. **Practical Theology and Qualitative Research**. London: SCM Press, 2007; VELING, T. A. **Practical Theology**. On Earth as it is in Heaven. Maryknoll, NY: Orbis, 2005; WARD, P. **Participation and Mediation**. A Practical Theology for the Liquid Church. London: SCM Press, 2008; WOODWARD, J.; PATTISON, S. **The Blackwell Reader in Pastoral and Practical Theology**. Oxford: Blackwell, 2000.

hindus. Nessa nova situação, nós os teólogos práticos tivemos que nos reinventar e explicar aos outros nosso papel na faculdade. No passado, a principal tarefa dos teólogos práticos era a formação de ministros. Consequentemente havia uma forte orientação para a igreja: os cursos e as pesquisas eram organizados conforme as clássicas tarefas do ministro, e as publicações eram preferencialmente dirigidas ao público-alvo formado por profissionais que atuam no ramo. Desnecessário dizer que todos os docentes eram também membros de nosso cliente mais importante: a igreja protestante histórica, sendo a maioria formada por ministros ordenados. Uma vez rompida essa ligação tão próxima, houve quem pensasse ou dissesse que agora haveria menos necessidade de teólogos práticos. Mesmo quando novos grupos e seminários se integravam à nossa faculdade, geralmente traziam seu próprio corpo docente especificamente para o aspecto da formação, portanto principalmente teólogos práticos. Quanto aos currículos muçulmanos, haveria cursos paralelos ou mesmo integrados, mas não estava claro se os mesmos deveriam ser chamados de Teologia Prática. Consequentemente, a faculdade viu-se tentada a dar maior ênfase a cursos genéricos, menos eclesiásticos, menos normativos, menos espirituais. Porém, eram justamente essas dimensões que caracterizavam tradicionalmente a teologia em geral e a Teologia Prática em especial. O que a Teologia Prática poderia então ser nesse novo contexto?

Essa pergunta não é reservada a uma faculdade como a minha. Eu diria que se trata de uma das principais perguntas para a Teologia Prática num mundo em transformação. A face e a estrutura da religião estão mudando, e a teologia, sobretudo a Teologia Prática, precisa responder a essas mudanças. Como devemos nos posicionar frente aos contatos cada vez maiores além de nosso grupo religioso, os quais geralmente descrevemos com palavras como globalização⁴, ecumenismo⁵ e multiculturalidade⁶? Quais são os efeitos da secularização e da desinstitucionalização para uma disciplina que sempre teve a tendência a enfocar a comunidade dos fiéis institucionalizada, comunidade essa que, em alguns contextos, está em declínio?⁷ Frente a uma cultura cada vez mais crítica em relação a qualquer tipo de autoridade em questões religiosas, o que isso significa para uma disciplina que por muito tempo promoveu a profissionalização de ministros e outros líderes eclesiásticos? Além disso, talvez as perguntas ainda estejam sendo formuladas de forma demasiadamente europeia, ou pelo menos ocidental. Também poderíamos perguntar como uma disciplina profundamente enredada na estrutura e cultura colonial pode ser redimida e resgatada para relatar as experiências e problemas das vozes marginalizadas e subalternas.⁸ Ou melhor: como o trabalho de muitos profissionais e estudiosos em

⁴ READER, 2008.

⁵ HASTINGS, 2007.

⁶ WARD, 2008.

⁷ WARD, 2008.

⁸ ANDREWS, 2002; MOESSNER, 2008.

tais contextos pode ser reconhecido como Teologia Prática *in actu*? São muitas as perguntas e precisamos lidar com elas reiteradamente, pois não podemos fugir das tensões intrínsecas à disciplina. Podemos escolher caminhos diferentes, mas os dilemas que originalmente orientaram nossa escolha são os mesmos.

Área de consenso

Gostaria de começar a explorar essas encruzilhadas do caminho buscando um campo de consenso. Existe, afinal de contas, algum tipo de semelhança familiar que nos permite reconhecer todas essas abordagens como variedades de um determinado grupo de atividades chamado de Teologia Prática. Podemos talvez até mesmo reconhecê-lo sob outros nomes, tais como teologia pastoral, teologia pública, teologia contextual, teologia espiritual, teologia empírica, teologia da libertação, psicologia da religião, e assim por diante. Para ser mais preciso: não estou afirmando que todas essas teologias sejam de fato Teologia Prática, mas existe pelo menos alguma sobreposição entre elas, o que significa dizer que uma determinada atividade, chamada por um desses nomes em um dado contexto, poderia igualmente ser chamada de Teologia Prática em outro contexto. Quando se trata efetivamente de uma estrutura de semelhança familiar, não existe um aspecto único que, isoladamente, define determinada atividade como Teologia Prática. Pelo contrário, trata-se de um conjunto de características, as quais podem estar presentes em maior ou menor número. Alguns diriam que a Teologia Prática pode ser reconhecida por sua perspectiva estratégica, outros por sua normatividade crítica, outros ainda pelo diálogo que ela mantém com as ciências sociais e os profissionais que atuam nessas áreas, por seu papel como ponte entre os temas bíblicos e as questões contemporâneas, ou pelo fato de ser praticada por pessoas que creem. E, no entanto, para cada uma dessas definições posso citar exemplos de teólogos práticos cujo trabalho não se encaixa em todos esses critérios. Eu gostaria de sugerir que o campo de consenso pode ser encontrado na descrição da Teologia Prática como a hermenêutica da religião vivenciada. De uma forma ou outra, essa descrição parece bem moldada ao que estamos fazendo, e os três termos que a compõem formam, juntos, o cerne da Teologia Prática.

Religião

O primeiro termo que ancora nossa disciplina é religião. Seja de que forma a definirmos, a Teologia Prática tem a ver com religião. Estou consciente de que alguns consideram esse termo demasiadamente genérico, objetivístico ou antropológico, e que eles tendem a substituí-lo, por exemplo, pela fé. Outros definem a religião como institucional por natureza e preferem um termo como espiritualidade. Outros ainda querem limitar o campo de atuação para o cristianismo. Do meu ponto de

vista, todas essas preferências fazem parte das encruzilhadas do caminho e podem, apesar dos debates, ser incluídas na noção de religião. Nesse contexto, eu definiria religião como os padrões transcendentais de ação e significado que contribuem para a relação com o sagrado e nela estão inseridos. Essa é uma definição primariamente funcional, que tem por objetivo a máxima maleabilidade para que possamos estar abertos a novas e diferentes formas de religião. O cerne da definição, entretanto, é a relação com o sagrado, o qual não é um conceito infinitamente aberto. Sem querer entrar demais nessas águas profundas, para mim a noção do sagrado pelo menos implica um centro ao redor do qual nossa vida gravita, bem como uma presença que evoca reverência e paixão. Isso muitas vezes é determinado pelo contexto cultural no qual vivemos e segue o modelo de uma tradição religiosa. Em casos individuais pode ser algo idiossincrático que a maioria das pessoas não consideraria religioso.

Defendo esse tipo de definição para evitar dois erros comuns no estudo da religião. Um deles é representado pelos falsos negativos no caso de novas formas de religião – facilmente excluídas se basearmos nossa definição em formas tradicionais. O outro erro são os falsos positivos em que formas tradicionais de observação são consideradas religiosas mesmo quando elas de fato envolvem pouca transcendência ou relação com o sagrado. Sendo assim, defino a religião como os padrões transcendentais de ação e significado que contribuem para a relação com o sagrado e nela estão inseridos. Na minha opinião, esse é o principal tema da Teologia Prática. Não é o único tema abordado pela Teologia Prática. Podemos estudar estruturas organizacionais e psicológicas, questões sociais e muito mais, mas, em última instância, cada projeto na Teologia Prática enfoca a religião, seja no estudo de fenômenos ou na reflexão teológica sobre tais fenômenos. Se não há qualquer componente religioso, seria difícil dar-lhe o nome de Teologia Prática.

Vivenciada

O segundo termo especifica a definição mais um pouco ao falar em religião vivenciada.⁹ Para mim, o estudo da religião – aí incluída a teologia – trabalha com três tipos de materiais, com três abordagens e disciplinas corolárias. O primeiro material é o “texto”, com o que não me refiro a qualquer coisa escrita, mas às fontes textuais de uma tradição religiosa. Esse material é central para as “religiões de livro”, mas também é pertinente para as grandes religiões orientais. Sejam esses textos considerados como revelação direta ou como reflexo de séculos de sabedoria relacionada ao sagrado, a questão principal aqui é buscar responder ao que o texto está tentando dizer e como podemos compreender isso em relação a outros textos, em relação a nossas crenças sobre o divino e à experiência humana. Os métodos

⁹ FAILING, W.-E.; HEIMBROCK, H.-G. **Gelebte Religion Wahrnehmen**. Lebenswelt – Alltagskultur – Religionspraxis. Stuttgart: Kohlhammer, 1998.

utilizados têm origem principalmente nos estudos linguísticos e literários, sendo a disciplina geralmente chamada de Teologia Bíblica, Teologia Alcorânica ou algo semelhante.

O segundo material é a “ideia”, as estruturas conceituais e/ou doutrinárias que procuram expressar o que podemos ou não podemos pensar e dizer sobre a relação com o divino. A principal questão a ser respondida é se determinados pontos de vista da tradição religiosa professada podem ser sustentados em relação uns aos outros, em relação à experiência humana e aos contextos históricos textuais das fontes da tradição religiosa. Os métodos são principalmente filosóficos e a disciplina é chamada, por exemplo, de Teologia Sistemática.

O terceiro material é a “práxis”, ou a religião vivenciada, as ações e os significados operantes nas maneiras em que as pessoas vivem, interagem e se relacionam com o divino. A principal questão a ser respondida é o que acontece e de que forma podemos viver a vida de maneira mais adequada em relação às fontes da tradição religiosa e às ideias a respeito do divino. Os métodos aqui têm origem principalmente nas ciências sociais e na pedagogia, sendo a disciplina chamada de Teologia Prática.

Ao longo dos tempos, essas três teologias – Bíblica, Sistemática e Prática – formaram a estrutura da teologia. Os adjetivos que compõem seus nomes não se referem a alguma qualidade da respectiva disciplina que esteja faltando nas outras – teologia não-bíblica, não-sistemática e não-prática –, mas se referem à natureza do tema central de cada uma. Já se discutiu sobre outras disciplinas, notadamente História, mas eu diria que a Teologia Histórica não é formalmente outra disciplina, mas a dimensão histórica das outras três.¹⁰ Ela, por sua vez, enfoca o texto, a ideia e a práxis. Outro aspecto a ser observado é que cada disciplina tem relação imediata com as outras duas. Não há texto sem que haja ideias ou práxis evocadas por ele, dentro dele ou por trás dele; não há ideias sem fontes e repercussões na práxis; não há práxis sem fontes e ideias inerentes. É isso que mantém a teologia (ou o estudo da religião) unida mesmo quando os materiais e métodos necessariamente divergem.

O estudo da religião trabalha com fontes religiosas, a tradição religiosa professada e a religião vivenciada. A contribuição da Teologia Prática começa com o estudo e a compreensão da religião vivenciada, fontes religiosas como a Bíblia e ideias religiosas como doutrinas entrando em consideração na medida em que elas estão relacionadas diretamente com a práxis, emergindo inclusive muitas vezes do estudo da práxis. Pode haver diferenças entre o que vem a ser considerado práxis relevante, assim como a forma em que é pensada a conexão entre a teologia e a religião vivenciada, essas diferenças resultando em importante diversidade meto-

¹⁰ Leia em FARLEY, E. **Theologia**. The Fragmentation and Unity of Theological Education. 3. ed. Eugene OR: Wipf and Stock, 2001, uma descrição e crítica ao desenvolvimento do modelo dos quatro eixos disciplinares, no qual a história emerge como uma quarta disciplina “sem clara concordância a respeito da natureza de seu conteúdo ou sobre a base de sua importância” (p. 79).

dológica, mas o ponto focal continua a ser a práxis ou a religião vivenciada. Se esse não fosse o foco, seria difícil dar-lhe o nome de Teologia Prática.

Hermenêutica

O terceiro termo é hermenêutica. Como os outros termos, esse pode provocar confusão e gerar enormes discussões sobre definição, mas nos parece mesmo assim um forte descritor da natureza de um estudo teológico da religião, comparado a uma abordagem primariamente social-científica, linguística ou filosófica. Assim, a natureza hermenêutica vale para a teologia como um todo, não apenas para a Teologia Prática.

Se eu não estiver enganado, existem duas abordagens na história do pensamento a respeito da hermenêutica que até hoje definem o campo, pelo menos dentro da Teologia Prática. Ao enfatizar uma ou outra, surgem diferentes compreensões. A primeira é o enfoque clássico na relação entre o texto e o leitor, levando à identificação de regras de interpretação ou a um estudo da interação entre a tradição e a experiência. A segunda é a abordagem mais ampla que dá ênfase ao processo da interpretação humana, dessa forma colocando temas existenciais no centro de investigação. Na primeira abordagem, a Teologia Prática aproxima-se mais da tradição religiosa, da igreja e da Teologia Sistemática e Bíblica. Na segunda, ela pode estar mais alinhada às ciências sociais e ao amplo âmbito das visões de mundo e das religiões.

Na Teologia Prática estudamos o campo da religião vivenciada de modo hermenêutico, isto é, seguindo os mais fundamentais processos de interpretação da vida através de diálogos infundáveis nos quais construímos significados. Esses diálogos não incluem apenas interações com nossos próximos, mas também com as tradições que modelam nossas vidas. Essa interação com a tradição, com toda a sua força interpretativa e reivindicações normativas, tem por objetivo final uma vida espiritual mais profunda e mais adequada.

Dito de outra forma, estudamos a religião – e para nós a religião vivenciada – como teólogos. Nossa abordagem, em última análise, sempre será teológica. Isso não é o mesmo que uma abordagem confessional, cristã ou qualquer coisa parecida, e por esse motivo prefiro o termo mais genérico “abordagem hermenêutica”. Para mim essa palavra indica que desejamos compreender a religião vivenciada a partir de suas próprias características e à luz de suas próprias compreensões e sua normatividade intrínseca. Não estudamos a religião meramente como um fenômeno psicológico, sociológico ou cultural – mesmo se esses possam ser pontos de entrada para muitas investigações –, mas como um fenômeno religioso.

Sempre que trabalho com psicólogos, antropólogos e sociólogos, percebo que existe uma sutil, mas definidora diferença entre nós. Em última análise, eles estão interessados, por exemplo, nos processos psicológicos, nos contextos e nas consequências sociais, na formação cultural da experiência religiosa ou por trás

dela, enquanto eu estou interessado na própria relação com o divino. O que estou tentando compreender é o encontro com o sagrado ou a experiência do sagrado. Para mim a teologia é a disciplina que discerne, descreve, interpreta, explica, avalia e ajuda a construir as maneiras pelas quais as pessoas falam sobre Deus – *teologia* –, com Deus e como vivenciam o ser-falado por Deus. Para mim teologia é rastrear o sagrado.

Rastrear o sagrado

Não utilizo a palavra “rastrear” apenas porque ela soa tão bem junto com sagrado, mas sim devido aos sentidos mais do que adequados que o termo carrega. O primeiro é o significado arcaico de atravessar ou viajar por uma certa região. O segundo envolve seguir as pegadas de alguém ou de algo, como em uma caçada. Metaforicamente o termo pode ser transposto para o sentido de estudar algo detalhadamente, por exemplo, a história de determinada ideia, a localização de dinheiro movimentado pelo mundo ou a identificação de nossos antepassados. Pode referir-se também à busca por traços, sinais, evidências ou vestígios de algo que indicam certa atividade ou presença. Rastrear nesse caso está relacionado à ideia de reconstruir e desenvolver o conhecimento. Finalmente, no sentido de “retraçar ou fazer traços”, o termo está ligado a desenhar ou esboçar. Pode ser o cuidadoso delinear de letras ou números, ou mesmo de certos tipos de elementos decorativos, mas geralmente se trata de uma forma de cópia manual por meio de papel transparente. O sentido aqui está relacionado à construção conforme um modelo da realidade exterior.

Viajar

Quero sugerir que todos esses significados são relevantes para descrever a Teologia Prática como um rastrear do sagrado. Gosto especialmente de seu primeiro e arcaico sentido de viagem. Ele sugere que a Teologia Prática é um aprendizado itinerante, algo mais semelhante a um vagar pela floresta por exploradores que apreciam a paisagem do que a uma construção planejada sobre solo firme, erigida sobre a base do trabalho realizado por aqueles que nos antecederam. Isso não é uma defesa da imprecisão não-sistemática e desprovida de método, mas um reconhecimento de que a Teologia Prática faz parte das ciências humanas. Diferentemente das ciências naturais, e até certo grau das ciências sociais, a aquisição de conhecimento não é simplesmente cumulativa, mas circular na maioria das vezes. Retornamos a lugares que já vimos antes e repetimos velhos questionamentos para refletir sobre velhas e novas respostas. Quase nunca estabelecemos fatos absolutos, nem desenvolvemos muitas teorias robustas que tenham impacto a longo prazo. Esse é provavelmente um ponto fraco em nossa disciplina que precisamos enfrentar, mas isso também se deve ao fato que nosso trabalho científico é intrinsecamente interpretativo por definição, assim como os fenômenos que estudamos. Nem a interação humana com o

sagrado nem nossa análise dessa interação podem ser amarradas firmemente a algum conhecimento prévio. Ao contrário, ela permanece autocrítica e aberta ao novo e inesperado. Até nossas definições mais se parecem com itinerários de viagem para um mundo em constante mutação do que mapas fixos de áreas imutáveis.¹¹ Quando fazemos teologia, viajamos pelo âmbito do sagrado, procurando compreender o que ali está acontecendo, deixando-nos ser afetados pelo que encontramos e por aqueles que encontramos no caminho. É por esse motivo que Josuttis¹² descreve o ministério como uma “orientação na zona oculta e proibida do sagrado”. O guia não é um narrador onisciente, mas um companheiro de viagem. Nesse sentido, a própria teologia pode mesmo tornar-se uma prática espiritual em si.¹³

Seguir

Rastrear no sentido de seguir reflete, em primeiro lugar, essa dimensão espiritual ao fazer referência às maneiras como os teólogos práticos podem desejar seguir fielmente os passos de Deus.¹⁴ O discipulado seria uma descrição apropriada dessa abordagem na qual o teólogo procura compreender as intenções de Deus à luz das promessas do Reino – para usar a linguagem bíblica por um momento. Nas palavras do apóstolo Paulo: “Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Fp 3.12-14). Esse sentido de seguir o caminho de Deus é o segundo significado de rastrear o sagrado.

Estudar

Rastrear como estudar detalhadamente sugere que procuramos discernir e analisar as evidências ou vestígios do sagrado. Isso nos lembra, naturalmente, da noção agostiniana dos *vestigia Dei* (ou, mais precisamente: *vestigia Trinitatis*), os rastros de Deus que poderiam ser percebidos nessa ordem natural e na vida interior humana. Tais sinais podem ser compreendidos como impressões digitais, ou – ainda melhor – pegadas de Deus, marcas deixadas onde Deus surgiu ou atuou. Segundo Agostinho, a presença e o reconhecimento dos rastros de Deus são possíveis apenas

¹¹ TWEED, T. A. **Crossing and Dwelling**. A Theory of Religion. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2006.

¹² JOSUTTIS, M. **Die Einführung in das Leben**. Pastoraltheologie zwischen Phänomenologie und Spiritualität. Gütersloh: Kaiser, 1996.

¹³ BEAUDOIN, 2008.

¹⁴ VELING, 2005.

devido à anterior ação revelatório-salvífica de Deus, mas isso é especulativo demais para mim. Teologicamente precisamos ter cuidado em não inferir a presença de Deus nos sinais que percebemos e mesmo assim apreciar os rastros pelo que eles são. Afinal de contas, a transcendência significa que Deus pode ter deixado rastros, mas que nunca sabemos se os sinais que encontramos são rastros de Deus. Tudo que temos são sinais ou pistas que pessoas religiosas tomam como indicadores da presença e atividade divina. Quando estamos rastreando o sagrado, o fazemos como uma atividade de segunda ordem: seguimos e esmiuçamos os detalhes de como as pessoas percebem os rastros do sagrado. Isto é, procuramos rastrear o sagrado indiretamente de forma empírica e reconstrutiva.

Desenhar

Finalmente, no sentido de desenhar (fazer traços/retraçar), o termo sugere que tentamos não apenas copiar, mas também modelar ou mesmo decorar a realidade e a experiência religiosa. Em termos metafóricos, procuramos transpor a imagem original do sagrado sobre o mundo no qual vivemos (que esperamos seja transparente). Delinear os traços do sagrado significa antever e desenvolver um mundo no qual podemos viver na fé. Ao fazer isso, a Teologia Prática tem por objetivo transformar o mundo. Sendo assim, traçar o contorno do sagrado é um modo construtivo de fazer teologia, mesmo se apenas sob forma de esboços e tentativa, ao que Duncan Forrester¹⁵ dá o nome de “fragmentos teológicos”.

Viajar, seguir, estudar e desenhar; a Teologia Prática está no rastro do sagrado de forma espiritual, empírico-reconstrutiva e crítico-construtiva. Não estou sugerindo que esses quatro sentidos da palavra “rastrear” devam ser ligados um por um a diferentes estilos de Teologia Prática. Prefiro dizer que toda a Teologia Prática está de alguma maneira ou em algum ponto viajando, seguindo, estudando e desenhando. A Teologia Prática está no rastro do sagrado no sentido de que estudamos a hermenêutica da religião vivenciada ao perambular por seu território não-mapeado e em constante mutação, ao sermos fiéis ao que nos é sagrado, ao analisar como as pessoas se relacionam com o divino e ao tentar mudar o mundo.

Encruzilhadas na estrada

Até o momento venho sugerindo que existe uma área de consenso na Teologia Prática, vista como a hermenêutica da religião vivenciada ou como o rastrear do sagrado. Ao descrever a área de consenso, no entanto, mantive-me bastante aberto para uma ampla variedade de interpretações dos termos mais centrais que escolhi. Isso pode ser visto como uma deficiência da minha descrição ou, pelo contrário,

¹⁵ FORRESTER, 2005.

como uma indicação de sua capacidade para integrar amostras tão diversas da Teologia Prática. Pelo menos ela oferece um ponto inicial para descrever as encruzilhadas que encontramos no caminho enquanto rastreamos o sagrado, isto é, as escolhas que fazemos em relação a como compreendemos nossa tarefa. Já que estamos tomando diferentes caminhos, é útil identificar os dilemas nos quais nossas escolhas se fazem necessárias.

Nesta contribuição de hoje, eu gostaria de abordar quatro encruzilhadas – interligadas – que me parecem bastante pertinentes, manifestando-se nas várias apresentações feitas durante nossa conferência e também nas diferentes introduções à Teologia Prática recentemente publicadas, que eu tive oportunidade de estudar. A primeira encruzilhada refere-se à demarcação do objeto de nosso estudo, envolvendo a questão se devemos nos limitar a fenômenos e interpretações claramente cristãos, ou se devemos, em princípio, manter um enfoque mais amplo das religiões e visões de mundo. A segunda encruzilhada está relacionada à metodologia, mais especificamente à questão de como estão conectadas a práxis e a teologia. A terceira encruzilhada envolve a figura do pesquisador e se ele/ela deve ser membro da comunidade de fé, um profissional que atua na área e/ou um observador distanciado. A quarta encruzilhada diz respeito ao público-alvo, à audiência da Teologia Prática, e procura lidar com a questão se nosso discurso é desenvolvido para a igreja, a sociedade ou o ambiente acadêmico.

Essas não são as únicas questões com as quais nos debatemos. Existe também a questão do equilíbrio e da combinação entre as abordagens descritivas, normativas e estratégicas na Teologia Prática.¹⁶ Existe a escolha entre várias sub-disciplinas, tais como a poimênica, a homilética, a educação religiosa, os estudos de comunidades, etc. Existe uma escolha entre diversas formas de reflexão teológica.¹⁷ Essas questões, porém, de alguma forma costumam ser vistas como mutuamente complementares, raramente levando a uma discussão. Para ficar na minha metáfora, essas não seriam encruzilhadas do caminho, mas uma série de linhas paralelas e muitas vezes convergentes. Para minhas reflexões de hoje procurarei enfocar as verdadeiras encruzilhadas, as escolhas e os dilemas que têm o maior potencial de dividir a disciplina, as encruzilhadas que, vistas em conjunto, definem as variadas formas da disciplina: objeto de estudo, método, pesquisador e audiência.

¹⁶ HEITINK, G. **Practical theology. History, theory, action domains.** Manual for practical theology. Grand Rapids: Eerdmans, 1999, distingue entre o círculo empírico, hermenêutico e estratégico no pensamento da Teologia Prática, no qual o primeiro assemelha-se ao raciocínio descritivo, o segundo ao normativo e à interação com a tradição (e o mais explicitamente teológico), e o terceiro ao estratégico. BROWNING, D. S. **A fundamental practical theology.** Descriptive and strategic proposals. Minneapolis: Fortress, 1991, fala em termos de fase descritiva, sistemática / ética e estratégica.

¹⁷ GRAHAM, E. et al. **Theological Reflection.** Methods. London: SCM Press, 2005; STONE, H. W.; DUKE, J. O. **How to Think Theologically.** Minneapolis: Fortress, 2006; WHITEHEAD, J. D.; WHITEHEAD, E. E. **Method in Ministry.** Theological Reflection and Christian Ministry. San Francisco: Harper & Row, 1980.

Primeira encruzilhada: o objeto de estudo

O primeiro tema contencioso refere-se ao objeto de estudo, mais especificamente o grau de abrangência de nosso campo de estudo. Aqui nos deparamos com bastante divergência. Claramente a práxis, ou a religião vivenciada, ocupa posição central, mas não está claro quais formas da práxis devem ser incluídas no estudo. Podemos distinguir seis círculos concêntricos: ministério, igreja, fé, religião, cultura e sociedade.¹⁸

O ministério ordenado

O menor dos círculos é aquele que enfoca as cerimônias eclesiais e o ministério ordenado.¹⁹ Profundamente enraizado na história da educação teológica e ancorado, por exemplo, na visão do currículo teológico proposto por Schleiermacher²⁰, esse paradigma clerical foi e continua sendo o cerne de muitos projetos e cursos de Teologia Prática, onde a maioria dos alunos está se preparando para o ministério, e não é coincidência que a maioria dos cursos também tenha o seu foco no ministério.²¹ Toda a estrutura das subdisciplinas na Teologia Prática baseia-se de fato nas várias tarefas do ministro (explica-se assim a menor ênfase geralmente dada a questões como diaconia, política, mídia e finanças). O paradigma clerical tem sido fortemente criticado²², mas não deveria ser abandonado completamente, tendo em vista as necessidades dos alunos.²³

Igreja

O segundo círculo concêntrico é o foco na igreja. Aqui a práxis não está limitada à prática pastoral, mas inclui também as diversas maneiras como a igreja como um todo atua na sociedade. Penso que para muitos teólogos práticos esse é o foco mais importante. Ray Anderson fala da “[...] igreja, em sua reflexão sobre sua existência como comunidade missionária”.²⁴ Ballard e Pritchard descrevem o tema

¹⁸ De RUIJTER, 2005, descreve os primeiros quatro (ministério, igreja, fé, religião) e comenta que mesmo aqueles que trabalham com um conceito muito amplo de religião geralmente não abordam outras religiões devido à grande complexidade teológica. Na minha discussão, entretanto, mencionarei alguns exemplos de Teologia Prática inter-religiosa que estão surgindo.

¹⁹ BASS; DYKSTRA, 2008.

²⁰ MOESSNER, 2008.

²¹ Exemplos podem ser encontrados em CAHALAN, K. et al. Teaching Practical Theology: Introducing Six Perspectives. *International Journal for Practical Theology*, v. 12, n.1, p. 35-87, 2008; HEITINK, 1999; MÖLLER, 2004; PARMENTIER, 2008.

²² FARLEY, 2001.

²³ MILLER-McLEMORE, B. J. The “Clerical Paradigm”. A Fallacy of Misplaced Concreteness? *International Journal for Practical Theology*, v. 11, n. 1, p. 19-38, 2007.

²⁴ ANDERSON, 2001, p. 32.

de estudo da Teologia Prática como “a prática da comunidade cristã no mundo”.²⁵ Swinton e Mowat identificam seu principal objeto de estudo como “as práticas da igreja nas suas interações com as práticas do mundo”.²⁶ O desenvolvimento desse círculo para além do âmbito clerical levou ao surgimento de novas subdisciplinas, tais como estudos comunitários, área na qual muitos importantes trabalhos vêm sendo realizados. Todavia, as discussões sobre a desinstitucionalização representam um desafio à sua centralidade.²⁷ A questão é saber como nossas eclesiologias práticas poderão lidar adequadamente com formas comunitárias novas, temporárias, parciais e virtuais.

Fé

O terceiro círculo concêntrico é o foco na fé enquanto manifestação subjetivada e individualizada da religião.²⁸ Não se trata aqui apenas de interesse no indivíduo, mas também de um reconhecimento da distância que separa a fé individual, por um lado, das comunidades organizadas e sua tradição, por outro. Para compreender como as pessoas vivem suas vidas e constroem sua relação com Deus, não basta estudar as mensagens e formas da igreja. Na educação religiosa e na poimênica, essa percepção tem uma longa história, já tendo resultado em inúmeras investigações sobre as particularidades das vidas individuais, com seus problemas, questionamentos e crises. Sendo assim, a Teologia Prática precisa concentrar-se na relação entre o ser humano e Deus: a fé.²⁹ Nesse sentido, Heitink identificou o tema de estudo da Teologia Prática como “a mediação da fé cristã na práxis da sociedade moderna”.³⁰

Religião

O quarto círculo concêntrico é o foco na religião. Em nosso mundo cada vez mais globalizado, poderíamos defender a necessidade de desenvolver uma Teologia Prática que não esteja confinada a uma religião específica, mas que procure compreender a relação com o sagrado em todas as suas formas e tradições. Já existem exemplos dessa visão mais abrangente nas áreas da poimênica³¹, educação

²⁵ BALLARD; PRITCHARD, 2006, p. 18.

²⁶ SWINTON; MOWAT, 2007, p. 6.

²⁷ STREIB, H. **Religion inside and outside Traditional Institutions**. Leiden: Brill, 2007; WARD, 2008.

²⁸ FAILING; HEIMBROCK, 1998.

²⁹ IMMINK, 2005, ver também muitas contribuições para o estudo do desenvolvimento da fé nos passos do trabalho pioneiro de FOWLER, J. W. **Stages of faith**. The psychology of human development and the quest for meaning. San Francisco: Harper & Row, 1981.

³⁰ HEITINK, 1999, p. 6-7.

³¹ SCHIPANI, D. S.; BUECKERT, L. D. **Interfaith Spiritual Care**. Kitchener, Ontario, Canada: Pandora, 2009.

religiosa³² e estudos comparativos na Teologia Prática³³. Contribuições adicionais também podem ser obtidas a partir da antropologia cultural, estudos da religião, psicologia da religião e disciplinas semelhantes. A questão fundamental, aqui, não é somente a demarcação do campo de atuação. Em última instância, o que está em jogo é se a fé cristã tem caráter único, ou se ela é simplesmente uma religião entre outras. Uma questão relacionada: até que ponto e de que forma a Teologia Prática deve conciliar essa pluralidade religiosa³⁴, e como o teólogo prático deve envolver-se com tradições que não sejam as suas.

Cultura

O quinto círculo concêntrico é o foco na cultura. Aqui se confundem os limites entre manifestações religiosas e não-religiosas a partir do reconhecimento de que essa distinção é altamente contingencial. As maneiras como estruturamos nossas vidas e sociedades, como conferimos significado ao que acontece conosco, como simbolizamos o que é importante para nós e agimos como consequência disso podem ser formuladas em termos religiosos em determinado contexto e em termos não-religiosos em outro, sem que necessariamente haja diferença de conteúdo ou significação entre eles. Quando as pessoas afirmam – ou duvidam – que Jesus é seu Salvador, que Obama é seu Messias ou um jogador de futebol qualquer é seu Deus, essas declarações de fé podem ser completamente diferentes entre si ou podem ter caráter semelhante. O risco, é claro, está em exceder-se na interpretação, transformando significados culturais em sentidos religiosos, ou fazendo uma leitura desses significados a partir de estruturas e conteúdos teológicos tradicionais. A práxis em questão é o processo cultural de construir significados, e o desafio é compreender manifestações culturais religiosas ou quase religiosas pelo que são, antes de confrontá-las com tradições religiosas específicas.³⁵

³² STERKENS, C. **Interreligious learning**. The problem of interreligious dialogue in primary education. Leiden: Brill, 2001.

³³ van der VEN, J. A. et al. **Is there a God of Human Rights?** The complex relationship between Human Rights and Religion: A South African case. Leiden: Brill, 2005.

³⁴ KNITTER, P. F. Beyond a Mono-Religious Theological Education. In: WHEELER, B. G.; FARLEY, E. (Eds.). **Shifting Boundaries**. Contextual Approaches to the Structure of Theological Education. Louisville Ky: Westminster John Knox, 1991. p. 151-180.

³⁵ COBB, K. **The Blackwell guide to theology and popular culture**. Oxford: Blackwell, 2005; GANZEVOORT, R. R. Framing the Gods. The Public Significance of Religion from a Cultural Point of View. In: ZIEBERTZ, H.-G. (Ed.). **The Public Significance of Religion**. Leiden: Brill. (No prelo.); LYNCH, G. **Understanding theology and popular culture**. Oxford: Blackwell, 2005; VANHOOTER, K. J. et al. **Everyday theology**. How to read cultural texts and interpret trends. Grand Rapids: Baker Academic, 2007.

Sociedade

O sexto e último círculo concêntrico é a sociedade como um todo. Aqui todas as questões públicas, políticas, sociais e psicológicas podem ser abordadas, estejam elas formuladas em termos religiosos ou não. Woodward e Pattison concluem: “Qualquer questão de interesse humano ou religioso contemporâneo imediato pode tornar-se o foco de análise da teologia prática”.³⁶ Embora reconheçam que seu foco é muito mais limitado à igreja ou ao ministério, não veem nenhum motivo *a priori* para que a Teologia Prática não possa ser tão ampla.

Obviamente, se os fenômenos que estudamos são menos explicitamente religiosos – por exemplo, a violência, a pobreza, a desigualdade entre homens e mulheres, a crise econômica, a ecologia, a música pop, o casamento, a infância, a deficiência física e mental –, a reflexão deverá ser mais explicitamente religiosa para ser considerada Teologia Prática. De qualquer forma, continua valendo o fato que a práxis religiosa, ou religiosamente relevante, abordada pela reflexão da Teologia Prática pode ser definida de forma estrita – como o ministério ordenado –, ou de forma ampla – como a cultura e a sociedade. Nossa escolha pode ser pragmática, dependendo do projeto específico no qual estamos trabalhando em dado momento. Por trás dessa escolha, no entanto, definimos de fato nossa compreensão da Teologia Prática.

Segunda encruzilhada: o método

A segunda encruzilhada está relacionada com a metodologia. Não me refiro apenas ao fato que a disciplina da Teologia Prática apresenta uma grande variedade de abordagens e métodos de pesquisa.³⁷ A questão metodológica mais fundamental diz respeito ao papel da práxis na Teologia Prática e, por consequência, a seu *status* epistêmico. Identifico cinco papéis na literatura da Teologia Prática, cada qual resultando em demarcações específicas no campo de estudo e em metas específicas a serem atingidas: a práxis pode atuar como objeto de estudo, fonte, *telos*, campo de atuação ou fórum.

Objeto de estudo

Quando a práxis é o objeto da Teologia Prática, falamos em teologia empírica.³⁸ A práxis religiosa aqui fornece o material a ser investigado, mas as categorias

³⁶ WOODWARD; PATTISON, 2000, p. 8.

³⁷ van der VEN, J. A.; ZIEBERTZ, H.-G. (Eds.). **Paradigmenentwicklung in der Praktischen Theologie**. Kampen: Kok, 1993; OSMER, 2008.

³⁸ van der VEN, J. A. **Practical Theology**. An Empirical Approach. 2. ed. Leuven: Peeters, 1998; DINTER et al., 2007.

teológicas, os modelos e teorias vêm da tradição religiosa e teológica. Nesse sentido, a tradição é a fonte teológica da qual inferimos os conceitos aplicados aos fenômenos. Isso geralmente toma a forma de uma correlação crítica mútua, como descrita por Tracy³⁹ e Browning⁴⁰, o que equivale a dizer que a práxis também funciona como um teste crítico para teorias teológicas da tradição religiosa.

Fonte

Encontramos algo semelhante, embora diferente, quando a práxis é a fonte da Teologia Prática indutiva. Aqui a tradição teológica e religiosa pode ser útil para a interpretação dessa práxis, mas a verdadeira fonte, ou *locus theologicus*, é a própria práxis.⁴¹ Exemplos dessa abordagem podem ser encontrados na pesquisa fenomenológica⁴², nas abordagens liberacionistas como a teologia feminista, a teologia “womanista”, a teologia negra, a teologia gay, assim como outras contribuições dos setores marginalizados⁴³ e na hermenêutica cultural, como o estudo da cultura popular⁴⁴. A práxis fornece o material e as categorias necessárias para construirmos a teologia. Como resultado, a tradição teológica é examinada de forma crítica para identificar como essas experiências subjetivas estão sendo valorizadas ou – na maioria das vezes – negadas.

Telos

A terceira forma de atuação da Teologia Prática toma a práxis como seu *telos*, ou seja, seu objetivo final, a meta em direção à qual tudo é feito. Esse é o caso naquilo que podemos chamar de teologia crítica. A práxis na igreja e na sociedade é estudada tendo em mente a transformação dessa práxis. A tradição atua aqui como a fonte e a norma para essa reflexão crítica, o que a torna o espelho da abordagem-fonte. Ambas têm por objetivo a reavaliação crítica e a transformação, mas a intenção da abordagem *telos* é transformar a prática, ao passo que a abordagem-fonte almeja transformar a tradição teológica e religiosa. Exemplos podem ser encontrados em certas formas da teologia pública⁴⁵, manifestações clássicas da teologia da libertação⁴⁶, além de várias contribuições pastorais e pedagógicas⁴⁷.

³⁹ TRACY, D. **The analogical imagination**. Christian theology and the culture of pluralism. New York: Crossroad, 1981.

⁴⁰ BROWNING, 1991.

⁴¹ SCHMID, P. F. Die Praxis als Ort der Theologie. Kairologische Aspekte zum Verständnis von Pastoraltheologie. **Diakonia**, n. 29, p. 102-114, 1998.

⁴² DINTER et al., 2007

⁴³ GRAHAM, 2009; MOESSNER, 2008; SMITH, 2007.

⁴⁴ GRÄB, W. **Sinn fürs Unendliche**. Religion in der Mediengesellschaft. Gütersloh: Kaiser, 2002.

⁴⁵ FORRESTER, 2005; STORRAR, W. F.; MORTON, A. R. (Eds.). **Public theology in the 21st century**. Edinburgh: T & T Clark, 2004.

⁴⁶ ANDREWS, 2002.

⁴⁷ SWINTON; MOWAT, 2007.

Campo de atuação

A quarta forma de atuação considera a práxis como o campo de atuação de profissionais que já participam ativamente da Teologia Prática, mas necessitam de uma reflexão teológica mais profunda. A tradição aqui novamente atua como fonte e norma, mas o objetivo principal é oferecer suporte aos profissionais, e não transformar uma práxis mais ampla. Esse é o tipo de Teologia Prática estratégica esboçada por Browning⁴⁸ e encontrada em diversos autores na área da Teologia Prática.⁴⁹ Também pode ser visto no estilo aplicativo clássico da Teologia Prática. A Teologia Prática dedicada ao campo de atuação reconhece que os profissionais nas comunidades, na missão, nas escolas, nas capelanias e assim por diante articulam e representam a mensagem da fé neste mundo, e para isso precisam de um suporte profundamente teológico e absolutamente prático. Preencher a lacuna existente entre a teologia acadêmica e a prática local é a tarefa da Teologia Prática.

Fórum

A quinta forma de atuação considera a práxis como o fórum da Teologia Prática. Aqui a práxis é principalmente a comunidade eclesial, tanto no sentido local quanto no mais amplo. Essa práxis é a parceira de conversa da Teologia Prática, diálogo no qual são levantadas questões e avaliadas possíveis respostas. Nessa forma de teologia eclesial, a tradição religiosa atua como fonte e muitas vezes também como a estrutura normativa que rege a Teologia Prática. Isso não apenas estreita os laços entre o teólogo prático e a tradição, geralmente há também uma forte tendência para manter o *status quo*. Os membros mais influentes da audiência podem ter o maior interesse em manter o equilíbrio de forças. De qualquer forma, os teólogos práticos precisam justificar suas reflexões e demonstrar de que forma suas propostas estão de acordo com critérios eclesiásticos.

Todas essas abordagens para a práxis têm seus méritos e seus lados negativos. A práxis como objeto de estudo permite uma discussão acadêmica convincente no diálogo com outras ciências, mas facilmente objetifica a práxis religiosa, tornando-se irrelevante para aqueles que participam ou atuam nessa práxis. A práxis como fonte ajuda-nos a identificar os significados intrinsecamente teológicos na práxis, mas facilmente exagera na interpretação desses significados ou perde a ligação com a tradição religiosa e teológica. A práxis como *telos* evoca uma análise crítica e propostas construtivas, mas facilmente se torna arrogância do tipo “torre de marfim”. A práxis como campo de atuação resulta em alta relevância em projetos e publicações, mas facilmente preserva o *status quo* e se restringe a fornecer dicas

⁴⁸ BROWNING, 1991.

⁴⁹ BALLARD; PRITCHARD, 2006; BASS; DYKSTRA, 2008; FLORISTÁN, 2002; MILLER-MCLEMORE, 2007; PARMENTIER, 2008.

e truques. A práxis como fórum estreita os laços entre a Teologia Prática, a comunidade religiosa e uma tradição religiosa oficial, mas facilmente rejeita a tarefa dos teólogos de examinar criticamente essa práxis. A combinação crítica dessas cinco abordagens mantém a Teologia Prática no rumo certo.

Terceira encruzilhada: o pesquisador

A terceira encruzilhada do caminho diz respeito ao papel do teólogo enquanto pesquisador. A principal questão aqui é até que ponto espera-se que o teólogo seja um participante do campo que ele está investigando. Com base na hermenêutica de Ricoeur, Jaco Dreyer demonstrou que as perspectivas do participante e do observador estão dialeticamente interligadas no trabalho de pesquisa na Teologia Prática.⁵⁰ Nos seus projetos concretos, no entanto, os teólogos práticos tendem a dar ênfase a uma perspectiva ou outra. Fazendo uma analogia no âmbito dos esportes, eu gostaria de sugerir que nos envolvemos em pesquisa a partir da perspectiva de quatro papéis: como jogador, técnico, juiz e comentarista.⁵¹

Jogador

O primeiro papel é o de jogador, a pessoa que efetivamente está envolvida no jogo como participante de primeira linha. No caso da religião, trata-se do crente (e do não-crente), o participante no discurso religioso de primeira ordem.⁵² Isso inclui não apenas o teólogo treinado, mas cada crente⁵³, motivo pelo qual alguns falam de “teologia comum”⁵⁴. Há muito a dizer em defesa dessa perspectiva, pois é nela que mais nos aproximamos do verdadeiro relacionamento com o sagrado. Encontrar o falar de Deus (*theo-logia*) na práxis é mais fácil na vida daqueles que realmente jogam o jogo. Por isso muitos teólogos práticos afirmam que o envolvimento espiritual pessoal é um pré-requisito para seu trabalho.⁵⁵ A práxis aqui é a práxis da fé, não havendo outro objetivo além de uma práxis mais profunda e salutar da própria fé. A Teologia Prática, portanto, é uma disciplina espiritual.

⁵⁰ DREYER, J. S. The researcher. Engaged participant or detached observer?: A reflection on the methodological implications of the dialectics of belonging and distancing for empirical research in practical theology. **Journal of Empirical Theology**, v. 11, n. 2, p. 5-22, 1998.

⁵¹ Podem-se estabelecer analogias com a descrição que OSMER, R. R. **Practical Theology**. An Introduction. Grand Rapids: Eerdmans, 2008, faz da tarefa descritiva, interpretativa, normativa e pragmática da Teologia Prática, bem como BALLARD; PRITCHARD, 2006, que mencionam sua natureza descritiva, normativa, crítica e apologética.

⁵² GANZEVOORT, 2004.

⁵³ STONE; DUKE, 2006.

⁵⁴ ASTLEY, J. **Ordinary Theology**. Looking, listening and learning in theology. Aldershot: Ashgate. 2002 .

⁵⁵ BALLARD; PRITCHARD 2006; VELING, 2005.

Técnico

O segundo papel é o de técnico, a pessoa dedicada a capacitar outros a se envolver no jogo. O técnico está comprometido com determinada equipe, mas não precisa, ele próprio, ser um grande jogador. Na religião, esse é o profissional que trabalha em uma área específica, como uma comunidade, uma escola ou hospital. Swinton e Mowat, por exemplo, descrevem o objetivo da Teologia Prática como “capacitar o desempenho fiel do evangelho e [...] explorar e levar a sério a complexa dinâmica do encontro humano com Deus”.⁵⁶ Nesse papel, o teólogo prático é chamado a contribuir para a práxis da fé através da práxis do profissional. A Teologia Prática, aqui, é uma disciplina transformadora.

Juiz

O terceiro papel é o de juiz, a pessoa que acompanha o jogo atentamente, interferindo apenas em caso de infração das regras ou agressão entre os participantes. Aqui o envolvimento do teólogo prático é crítico. A práxis da fé é aceita como o campo de jogo, mas isso não significa que vale tudo. Critérios éticos, doutrinários, psicológicos, entre outros, devem ser adotados para a tarefa de proteger o jogo de truques desleais, disputas de poder e perversões. Aqui a Teologia Prática é uma disciplina crítica, baseada em uma interação constante entre a complexa e pluralista práxis da fé, as tradições religiosas e a reflexão acadêmica.

Comentarista

O último papel é o de comentarista, o jornalista que geralmente aprecia muito o esporte tem claras preferências por um time ou outro, mas aceita a tarefa de esclarecer o que está acontecendo em campo. O comentarista procura analisar os movimentos e interpretar as estratégias. Em intervalos regulares, ele oferecerá conselhos aos times, mas é bem provável que apenas sua audiência irá ouvir esses conselhos. Na religião, essa muitas vezes é a posição da teologia acadêmica. O teólogo prático como comentarista procura reconhecer formas religiosas, descrevê-las adequadamente, interpretá-las em sua relação com antigas e novas tradições e sugerir estratégias adequadas para seu desenvolvimento, mas sem interferir muito com o próprio jogo. A Teologia Prática, aqui, é uma disciplina descritiva.

Por trás desses diferentes papéis há diferentes compreensões da disciplina como tal e da distinção ou sobreposição entre a teologia e a ciência da religião. Pessoalmente não acredito numa demarcação rigorosa entre as duas, algo como afirmar que a teologia é normativa enquanto a ciência da religião é descritiva, ou então que a perspectiva da teologia é interna ou êmica, ao passo que a perspectiva

⁵⁶ SWINTON; MOWAT, 2007, p. 4.

da ciência da religião é externa, comparativa ou ética. Prefiro ver as duas como um *continuum*. Num extremo encontramos a teologia confessional clássica como *Fides Quaerens Intellectum* (a fê em busca da compreensão), processo no qual o teólogo é participante por definição. No outro extremo encontramos as abordagens da ciência da religião, que podemos definir como o estudo do falar-de-Deus ou *theo-logia*. Embora possamos nos mover de um lado a outro ao longo desse *continuum*, essa é uma escolha que acarreta consequências para o trabalho que realizamos.

Quarta encruzilhada: a audiência

A quarta encruzilhada do caminho refere-se à audiência principal da Teologia Prática. Conforme Tracy, podemos distinguir entre a teologia que tem por audiência a igreja, aquela voltada para a sociedade, e a teologia dirigida ao mundo acadêmico.⁵⁷ Embora ele tenha descrito essa audiência triplíce para esclarecer a confusão no campo da teologia como um todo, sugerindo que a Teologia Prática atua primariamente para a audiência da sociedade, penso que a distinção funciona melhor quando aplicada dentro de cada disciplina teológica.⁵⁸ Na Academia Internacional organizamos nossos seminários a partir dessa distinção, e eu gostaria de aprofundar um pouco mais a reflexão sobre os três estilos que derivam dessa distinção.

Mundo acadêmico

A Teologia Prática como pesquisa (empírica) tem por audiência o mundo acadêmico. Ela procura fortalecer a qualidade científica da disciplina (geralmente, mas não exclusivamente empírica), podendo enfocar métodos empíricos, discussões sobre a filosofia da disciplina, epistemologia e resultados da pesquisa empírica. O objetivo dessa abordagem é acentuar a natureza acadêmica da Teologia Prática, especialmente em relação a outras disciplinas como as ciências sociais. O tipo de racionalidade utilizada aqui é argumentativo, valorizando padrões formais de raciocínio e critérios de comprovação.⁵⁹

A história desse estilo de Teologia Prática está intimamente ligada à emergência das modernas ciências e da discussão sobre o lugar da teologia nesse desenvolvimento. Devemos aqui, obviamente, pensar em Schleiermacher, mas ele certamente não é o único. Tracy faz referência a inúmeros esforços para reconci-

⁵⁷ TRACY, 1981.

⁵⁸ TRACY, 19981, descreve a teologia fundamental como orientada principalmente para a audiência do mundo acadêmico, a Teologia Sistemática, dirigida para a igreja, e a Teologia Prática para a sociedade. Ele parece estar descrevendo estilos em vez de disciplinas, no entanto, e reconhece que todo teólogo e toda disciplina teológica estão, de uma forma ou de outra, respondendo para as três audiências (p. 28-31).

⁵⁹ As racionalidades que aqui descrevo para os três estilos baseiam-se em OSMER, R. Rationality in Practical Theology. A Map of the Emerging Discussion. *IJPT*, v. 1, p. 11-40, 1997.

liar a teologia com os critérios acadêmicos da ciência moderna.⁶⁰ Ele reconhece o infundável debate sobre a natureza científica da teologia e aceita seu *status* como uma difusa ou “pretensa” disciplina (como Toulmin a chamou), mesmo quando isso implica que padecemos de uma preocupação excessiva com o debate metodológico e uma tendência a fragmentar o campo em seitas concorrentes. Levando essa discussão ao nível de um estilo de fazer Teologia Prática, podemos realmente testemunhar esses riscos, mas o desenvolvimento da teologia empírica também é mais do que isso. Trata-se de um esforço consciente para manter a Teologia Prática enraizada no mundo acadêmico e de não perder seu potencial de contribuir para o conhecimento acadêmico como um todo (um esforço que tanto secularistas quanto alguns confessionalistas consideram inútil e não-recomendável). Nesse esforço, novas direções envolvem o debate sobre os paradigmas das ciências sociais e das ciências humanas, e seu significado para a Teologia Prática.⁶¹ Talvez as mais promissoras vias nesse sentido sejam encontradas no construcionismo social e no pragmatismo peirciano.⁶²

Igreja

A Teologia Prática como formação de ministério tem por audiência a igreja. Muitos teólogos práticos têm um claro comprometimento com o treinamento do ministério, com tarefas bastante específicas nesse treinamento. A disciplina da Teologia Prática tem o dever (entre outros) de dar suporte a essa formação através de pesquisa, reflexão e do desenvolvimento de novas abordagens. O tipo de racionalidade utilizada aqui é primordialmente conversacional. Essa abordagem hermenêutica salienta a relação entre a tradição e o presente, levando em consideração que o outro (p. ex. o estudante ou a comunidade) é sujeito e não objeto do conhecimento.

Na história desse estilo encontramos o antigo conceito de teologia como teologia eclesíastica ou como reflexão sobre sua essência e autocompreensão. O estilo também está ligado à dimensão espiritual da teologia como uma *praxis pietatis*, na qual os fiéis são iniciados e educados. Contribuições mais recentes refletem influências das ciências sociais e especialmente da pedagogia moderna e teorias de supervisão e *coaching*. Tudo isso demonstra um forte enfoque na pessoa do teólogo e no desenvolvimento de sua conduta e habilidades teológicas.⁶³

⁶⁰ TRACY, 1981.

⁶¹ BARONOV, D. **Conceptual Foundations of Social Research Methods**. Boulder CO: Paradigm, 2005; van der VEN; ZIEBERTZ 1993.

⁶² CARTLEDGE, M. **Practical Theology**. Charismatic and Empirical Perspectives. Carlisle (UK): Paternoster, 2003; GANZEVOORT, 2005; HERMANS, C. A. M. et al. (Eds.). **Social constructionism and theology**. Leiden: Brill, 2002.

⁶³ FARLEY, 2001.

Sociedade

A Teologia Prática como prática libertadora tem por audiência a sociedade. Ao descrever essa audiência, Tracy discute os três âmbitos (tecnológico-econômico-político) da justiça e do poder, bem como o âmbito simbólico da cultura e da religião. A Teologia Prática aqui muitas vezes assume a forma de teologia pública, claramente engajada na resistência contra a opressão e a injustiça e inspirada pela prática libertadora de uma orientação para o reino de Deus. Muitas discussões da Teologia Prática sobre temas como a globalização, o abuso do poder econômico, o abuso sexual, a violência, a AIDS estão voltadas para a libertação da sociedade como um todo. O tipo de racionalidade utilizada aqui é retórico, enfatizando interesses e críticas, bem como estratégias concretas, específicas e episódicas.

A história desse estilo remonta principalmente às muitas formas de teologia da libertação e análise crítica social (como os estudos pós-coloniais). Essas teologias marginais procuram dar voz àqueles de quem os poderosos tiraram a voz. A marginalização pode ser baseada em raça⁶⁴, gênero⁶⁵, classe social⁶⁶, linguagem, orientação sexual⁶⁷, habilidade física ou mental⁶⁸ ou idade. Desenvolver a teologia a partir de baixo significa reconhecer a perspectiva daqueles que estão marginalizados e desenvolver um discurso teológico (e recursos teológicos) que apoiem sua emancipação. Esse estilo de Teologia Prática considera a teologia como sendo de fato um processo construtivo de geração de significado e projeção de mundos possíveis, o que, por sua vez, faz com que seja essencial decidir se as propostas que apresentamos irão beneficiar os marginalizados ou aqueles que se beneficiam do *status quo*.

Assim, esses três estilos de fazer Teologia Prática têm suas histórias profundas, seus objetivos claros e suas lealdades distintas. Temos, em nossa maioria, uma inclinação natural para um estilo ou outro, mas não muitos entre nós gostariam de estar limitados a apenas um deles. Creio, aliás, que é justamente a configuração dos três que faz da Teologia Prática algo tão inspirador e intrigante. Nossa responsabilidade frente às três audiências assim como os inevitáveis conflitos entre elas conferem à disciplina sua característica híbrida, mas também seu senso de urgência. Existe, afinal de contas, uma discussão sobre o estudo científico da religião e a necessidade de abordagens normativas. Há várias questões na igreja e no ministério que exigem um estudo acadêmico sério e engajado. Existem, na sociedade, problemas de vida

⁶⁴ ANDREWS, 2002.

⁶⁵ MOESSNER, 1996.

⁶⁶ COUTURE, P. **Blessed are the Poor.** Women's Poverty, Family Policy, and Practical Theology. Nashville: Abingdon, 1991.

⁶⁷ MOON, D. **God, Sex, and Politics.** Homosexuality and Everyday Theologies. Chicago: Univ. of Chicago Press, 2004.

⁶⁸ SWINTON, J.; BROCK, B. (Eds.). **Theology, Disability, and the New Genetics.** Why Science Needs the Church. London: T & T Clark, 2007.

e morte, justiça e exclusão aos quais o saber teológico deve ser aplicado de forma relevante. Não podemos fugir dessas responsabilidades, nem nos limitar a uma ou outra. Nosso principal desafio em levar adiante o desenvolvimento da disciplina, portanto, é promover os três e relacioná-los uns aos outros.

Conclusão

Não procurei apresentar um mapa da Teologia Prática, pois tanto o campo que estudamos – a religião vivenciada – como as maneiras como nos movemos por esse campo são dinâmicas demais para ser capturadas em um mapa. Ao invés, procurei identificar algumas das encruzilhadas do caminho que definem nossos movimentos. Como uma hermenêutica da religião vivenciada, acredito que a Teologia Prática pode desempenhar um papel importante em estabelecer conexões: entre a práxis religiosa e suas tradições e fontes, entre formas de práxis religiosa diferentes e conflitantes entre si, entre relatos teológicos e sociocientíficos da práxis religiosa, entre a igreja e a sociedade, e assim por diante. Em nossa Academia Internacional de Teologia Prática procuramos reunir todos esses movimentos e compreender a inevitabilidade e a riqueza de sua diversidade. Ao fazer isso, estamos no rastro do sagrado: viajando, seguindo, estudando e desenhando. Não existe um trajeto mais simples, ou deixaria de ser Teologia Prática.

Referências bibliográficas

- ANDERSON, R. S. **The Shape of Practical Theology**. Empowering Ministry with Theological Praxis. Downers Grove, IL: IVP Academic, 2001.
- ANDREWS, D. P. **Practical Theology for Black Churches**. Bridging Black Theology and African American Folk Religion. Louisville: Westminster John Knox, 2002.
- ASTLEY, J. **Ordinary Theology**. Looking, listening and learning in theology. Aldershot: Ashgate. 2002 .
- BALLARD, P.; PRITCHARD, J. **Practical Theology in Action**. Christian Thinking in the Service of Church and Society. 2. ed. London: SPCK, 2006.
- BARONOV, D. **Conceptual Foundations of Social Research Methods**. Boulder CO: Paradigm, 2005. BASS, D. C.; DYKSTRA, C. **For Life Abundant**. Practical Theology, Theological Education, and Christian Ministry. Grand Rapids: Eerdmans, 2008.
- BEAUDOIN, T. **Witness to Dispossession**. The Vocation of a Post-modern Theologian. Maryknoll, NY: Orbis, 2008.
- BROWNING, D. S. **A fundamental practical theology**. Descriptive and strategic proposals. Minneapolis: Fortress, 1991.
- CAHALAN, K. et al. Teaching Practical Theology: Introducing Six Perspectives. **International Journal for Practical Theology**, v. 12, n.1, p. 35-87, 2008.

- CARTLEDGE, M. **Practical Theology**. Charismatic and Empirical Perspectives. Carlisle (UK): Paternoster, 2003.
- COBB, K. **The Blackwell guide to theology and popular culture**. Oxford: Blackwell, 2005.
- COUTURE, P. **Blessed are the Poor**. Women's Poverty, Family Policy, and Practical Theology. Nashville: Abingdon, 1991.
- DINTER, A. et al. **Einführung in die Empirische Theologie**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2007.
- DREYER, J. S. The researcher. Engaged participant or detached observer?: A reflection on the methodological implications of the dialectics of belonging and distanciation for empirical research in practical theology. **Journal of Empirical Theology**, v. 11, n. 2, p. 5-22, 1998.
- FAILING, W.-E.; HEIMBROCK, H.-G. **Gelebte Religion Wahrnehmen**. Lebenswelt – Alltagskultur – Religionspraxis. Stuttgart: Kohlhammer, 1998.
- FARLEY, E. **Theologia**. The Fragmentation and Unity of Theological Education. 3. ed. Eugene OR: Wipf and Stock, 2001.
- FLORISTÁN, C. **Teología Práctica**. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2002.
- FORRESTER, D. B. **Truthful action**. Explorations in Practical Theology. Edinburgh: T & T Clark, 2000.
- FORRESTER, D. B. **Theological fragments**. Explorations in unsystematic theology. London: T & T Clark, 2005.
- FOWLER, J. W. **Stages of faith**. The psychology of human development and the quest for meaning. San Francisco: Harper & Row, 1981.
- GANZEVOORT, R. R. What you see is what you get. Social construction and normativity in practical theology. In: VAN DER VEN, J. A. and SCHERER-RATH, M. (Eds.). **Normativity and empirical research in theology**. Leiden: Brill, 2004. p. 17-34.
- GANZEVOORT, R. R. The social construction of revelation. **International Journal of Practical Theology**, v. 8, n. 2, p. 1-14, 2005.
- GANZEVOORT, R. R. Framing the Gods. The Public Significance of Religion from a Cultural Point of View. In: ZIEBERTZ, H.-G. (Ed.). **The Public Significance of Religion**. Leiden: Brill. (No prelo).
- GRÄB, W. **Sinn fürs Unendliche**. Religion in der Mediengesellschaft. Gütersloh: Kaiser, 2002.
- GRAHAM, E. **Words Made Flesh**. Writings in Pastoral and Practical Theology. London: SCM Press, 2009.
- GRAHAM, E. et al. **Theological Reflection**. Methods. London: SCM Press, 2005.
- HASTINGS, T. J. **Practical Theology and the One Body of Christ**. Grand Rapids: Eerdmans, 2007.
- HEITINK, G. **Practical theology. History, theory, action domains**. Manual for practical theology. Grand Rapids: Eerdmans, 1999.
- HERMANS, C. A. M. et al. (Eds.). **Social constructionism and theology**. Leiden: Brill, 2002.

- IMMINK, F. G. **Faith. A Practical Theological Reconstruction**. Grand Rapids: Eerdmans, 2005.
- JOSUTTIS, M. **Die Einführung in das Leben**. Pastoraltheologie zwischen Phänomenologie und Spiritualität. Gütersloh: Kaiser, 1996.
- KNITTER, P. F. Beyond a Mono-Religious Theological Education. In: WHEELER, B. G.; FARLEY, E. (Eds.). **Shifting Boundaries**. Contextual Approaches to the Structure of Theological Education. Louisville Ky: Westminster John Knox, 1991. p. 151-180.
- LYNCH, G. **Understanding theology and popular culture**. Oxford: Blackwell, 2005.
- METTE, N. **Einführung in die katholische Praktische Theologie**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2005.
- MILLER-McLEMORE, B. J. The „Clerical Paradigm“. A Fallacy of Misplaced Concreteness? **International Journal for Practical Theology**, v. 11, n. 1, p. 19-38, 2007.
- MOESSNER, J. S. (Ed.) **Through the Eyes of Women: Insights for Pastoral Care** Minneapolis: Augsburg Fortress, 1996.
- MOESSNER, J. S. **Prelude to Practical Theology**. Nashville: Abingdon, 2008.
- MÖLLER, C. **Einführung in die Praktische Theologie**. Tübingen: A. Franke, 2004.
- MOON, D. **God, Sex, and Politics**. Homosexuality and Everyday Theologies. Chicago: Univ. of Chicago Press, 2004.
- OSMER, R. Rationality in Practical Theology. A Map of the Emerging Discussion. **IJPT**, v. 1, p. 11-40, 1997.
- OSMER, R. R. **Practical Theology**. An Introduction. Grand Rapids: Eerdmans, 2008.
- PARMENTIER, E. (Ed.). **La Théologie Pratique**. Analyses et Perspectives. Strasbourg: Presses Universitaires, 2008.
- PATTISON, S. **The Challenge of Practical Theology: Selected Essays**. London: Jessica Kingsley, 2007.
- READER, J. **Reconstructing Practical Theology**. The Impact of Globalization. Aldershot: Ashgate, 2008.
- de RUIJTER, K. **Meewerken met God**. Ontwerp van een gereformeerde praktische theologie. Kampen: Kok, 2005.
- SCHIPANI, D. S.; BUECKERT, L. D. **Interfaith Spiritual Care**. Kitchener, Ontario, Canada: Pandora, 2009.
- SCHMID, P. F. Die Praxis als Ort der Theologie. Kairologische Aspekte zum Verständnis von Pastoraltheologie. **Diakonia**, n. 29, p. 102-114, 1998.
- SMITH, R. L. **From Strength to Strength**. Shaping a Black Practical Theology for the 21st Century. New York: Peter Lang, 2007.
- STERKENS, C. **Interreligious learning**. The problem of interreligious dialogue in primary education. Leiden: Brill, 2001.
- STONE, H. W.; DUKE, J. O. **How to Think Theologically**. Minneapolis: Fortress, 2006.

- STORRAR, W. F.; MORTON, A. R. (Eds.). **Public theology in the 21st century**. Edinburgh: T & T Clark, 2004.
- STREIB, H. **Religion inside and outside Traditional Institutions**. Leiden: Brill, 2007.
- SWINTON, J.; BROCK, B. (Eds.). **Theology, Disability, and the New Genetics**. Why Science Needs the Church. London: T & T Clark, 2007.
- SWINTON, J.; MOWAT, H. **Practical Theology and Qualitative Research**. London: SCM Press, 2007.
- TRACY, D. **The analogical imagination**. Christian theology and the culture of pluralism. New York: Crossroad, 1981.
- TWEED, T. A. **Crossing and Dwelling**. A Theory of Religion. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2006.
- VANHOOZER, K. J. et al. **Everyday theology**. How to read cultural texts and interpret trends. Grand Rapids: Baker Academic, 2007.
- VELING, T. A. **Practical Theology**. On Earth as it is in Heaven. Maryknoll, NY: Orbis, 2005.
- van der VEN, J. A. **Practical Theology**. An Empirical Approach. 2. ed. Leuven: Peeters, 1998.
- van der VEN, J. A. et al. **Is there a God of Human Rights?** The complex relationship between Human Rights and Religion: A South African case. Leiden: Brill, 2005.
- van der VEN, J. A.; ZIEBERTZ, H.-G. (Eds.). **Paradigmenentwicklung in der Praktischen Theologie**. Kampen: Kok, 1993.
- WARD, P. **Participation and Mediation**. A Practical Theology for the Liquid Church. London: SCM Press, 2008.
- WHITEHEAD, J. D.; WHITEHEAD, E. E. **Method in Ministry**. Theological Reflection and Christian Ministry. San Francisco: Harper & Row, 1980.
- WOODWARD, J.; PATTISON, S. **The Blackwell Reader in Pastoral and Practical Theology**. Oxford: Blackwell, 2000.